

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

Atena
Editora
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Paulo José da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401 1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título. CDD 150.195
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

SUMÁRIO**SUMÁRIO** 5**CAPÍTULO 1** 1

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR


Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2** 10

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE


Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3** 31

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA


Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4** 48


NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5** 65

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO


Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6** 85

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS


Carlos Henrique Barbosa Vieira






Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7** 108

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

CAPÍTULO 8	125
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018	
CAPÍTULO 9	143
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019	
CAPÍTULO 10.....	156
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110	
CAPÍTULO 11	172
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111	
CAPÍTULO 12.....	187
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112	
SOBRE OS AUTORES	205
ÍNDICE REMISSIVO	208

NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Data de aceite: 11/11/2022

Alcione Lucena de Albertim

Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6047-4836>

CONTEXTUALIZAÇÃO DA NARRATIVA

O mito de Narciso encontra-se narrado no Livro III do poema *Metamorfoses*, de Ovídio, versos 339-510. O jovem, filho da ninfa Liríope e do rio Cefiso, ambos da Beócia, na Grécia, desde o início fora amado. Sua mãe, logo após o nascimento da criança, questiona o adivinho Tirésias acerca da longevidade do filho, cuja resposta é *si se non nouerit*¹ (v. 348), “se não tiver se conhecido”²; apenas desse modo, ele viveria longamente. Por muito tempo, o oráculo pareceu sem sentido, enquanto Narciso não se tornara um belíssimo jovem de dezesseis anos

e preferira toda e qualquer manifestação de Eros, do desejo, ao desdenhar todos aqueles que se apaixonavam por ele. Um dia, estando na floresta a caçar, a ninfa Eco com ele se depara, sendo imediatamente arrebatada pela paixão. No entanto, é repudiada veementemente pelo rapaz, indo refugiar-se em grutas, onde definha até restar-lhe apenas a voz.

Renegando todos os que por ele se apaixonavam, ninfas e rapazes, Narciso é punido, sendo condenado pelos deuses. Assim profere a deusa Nêmesis, *sic amet ipse licet, sic non potiatur amato* (v. 405), “é lícito que assim ele próprio ame, assim não possua o amado”. Certo dia, saindo para caçar, a certa altura cansado pelo entusiasmo da caça e pelo calor, depara-se com uma ribeira de águas puras e cristalinas, de onde homem ou animal algum jamais bebera. A fim de se dessedentar, inclina-se sobre a água e enquanto bebe, é

1 O texto latino utilizado ao longo do capítulo foi capturado da *Bibliotheca Augustana*. https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lsante01/Ovidius/ovi_me03.html#05. Para quem se interessar, também recomendamos a seguinte tradução italiana: Ovídio. *Metamorfosi*. (A cura di Nino Scivoletto). Roma: Utet, 2013.

2 Todos os excertos em língua latina presentes no texto são traduzidos por nós.

arrebatado pela imagem da beleza que avista. Desejo avassalador o invade, e sem o saber, é ao mesmo tempo aquele que ama e aquele que é amado.

Quando descobre tratar-se dele próprio aquele a quem deseja, pois até então jamais houvera visto a si mesmo, a própria imagem, aumenta-lhe o sofrimento, pois essa descoberta o faz se amar ainda mais. Quão grande é o desejo a abrasá-lo, que Narciso será consumido por fogo oculto, representação do desejo, vindo a perecer e a se metamorfosear na flor que recebe o seu nome, narciso.

Assim sendo, estruturalmente, é possível dividir a narrativa em dez núcleos temáticos: “O oráculo” (vv. 337-348), “Narciso desdenha o Amor [Eros]” (vv. 349-353), “História de Eco” (vv. 354-367), “Eco e Narciso” (vv. 368-399), “Imprecação contra Narciso” (vv. 400-404), “Narciso apaixonado” (vv. 405-460), “Reconhecimento” (vv. 461-471), “Mania” (vv. 472-491), “Pranto de Eco” (vv. 492-499), “Morte e metamorfose de Narciso” (vv. 500-508). Eles podem ser divididos em quatro momentos. O primeiro diz respeito ao completo fechamento de Narciso em si, sem nenhuma interação com o outro. O segundo refere-se ao encontro de Narciso com Eco, primeiro elemento externo que consegue de algum modo atingi-lo, logo, desencadeador da pulsão de vida, de Eros. O terceiro momento concerne ao encontro de Narciso com sua imagem especular nas águas do riacho, o encontro consigo mesmo no outro que é ele próprio. O quarto traz o reconhecimento de si, como o ser ao mesmo tempo fonte e objeto do seu amor. É a partir dessa estruturação da narrativa que se propõe analisar a história de Narciso, tendo como respaldo tanto os elementos textuais quanto o arcabouço psicanalítico, a saber, Donald Woods Winnicott (1975), com “O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”; Jacques Lacan (1998), com “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, e Françoise Dolto (2017), com “O espelho”.

O SEMBLANTE DE NARCISO

É importante começar esta análise atentando para a presença de Liríope, belíssima ninfa, mãe de Narciso, e a sua interferência em relação ao rumo da vida do filho, por ser fundamental para o entendimento do destino de Narciso e da simbologia do espelho dentro da narrativa. Ela, ao dar à luz a criança já amada, faz a pergunta ao adivinho Tirésias, que definirá o desenrolar da vida do menino. Em uma perspectiva psicanalítica, o oráculo proferido pode ser entendido como o próprio inconsciente dessa mãe, a expressão do desejo dela. Sendo ele o seu falo, quer manter para si o seu bebê, negando-lhe a possibilidade da apropriação da sua singularidade de sujeito, sendo ele, apenas, o reflexo dela mesma. Nesse sentido, Narciso serve para alimentar o narcisismo da mãe, o que já pode ser inferido a partir da etimologia do seu nome. Liríope é uma palavra grega,

Λειριόπη (CHANTRAINE, 1999), formada a partir de *λείρον*, palavra que designa uma flor, o *pseudonarcissus*, comumente conhecido como narciso selvagem ou lírio, e *ὤψ*, que significa ‘semblante’, ‘visão’, ‘olhar’. Logo, Liríope é aquela cujo semblante é um narciso, nome que atribuirá ao filho. Por outro lado, é possível pensar Tirésias como representação do inconsciente dessa mãe, mais ainda, como projeção do seu desejo, uma vez que ele, sendo cego, possui uma percepção psíquica mais aguçada em relação aos eventos, reverberando conteúdos inconscientes.

É relevante assinalar também que Narciso foi criado pela mãe, com ausência do pai, o que fica claro ao ser mencionado o nome de Cefiso apenas como aquele que copulou com a ninfa, e Liríope ser aquela que não apenas o deu à luz, mas que procurou o oráculo. A resposta do adivinho pressupõe a ausência de um olhar materno que reconheça e chancela a existência do bebê, uma vez que nele apenas reflete a si mesma, no que tange à sua beleza. Tanto é assim, que a beleza do filho apenas será mencionada no texto quando Narciso já está crescido, antes disso, há somente a menção à beleza de Liríope, sendo ela nomeada, ‘belíssima ninfa’, *pulcherrima nympha* (v. 344), e tal beleza será a sua marca registrada no filho, configurando-se como o estabelecimento da relação mãe-bebê.

Em “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”, Freud (2013) afirma:

O amor à mãe não pode prosseguir acompanhando o desenvolvimento consciente, sucumbe à repressão. O garoto reprime o amor à mãe pondo a si mesmo no lugar desta, identificando-se com ela e tomando sua própria pessoa como modelo, à semelhança do qual escolhe seus novos objetos amorosos. Assim torna-se homossexual. Mais precisamente, retorna ao autoerotismo, pois os garotos que o adolescente agora ama são apenas sucedâneos e reiteraões de sua própria pessoa infantil, que ele ama tal como sua mãe o amou quando criança (FREUD, 2013, p. 167).

O primeiro objeto sexual do bebê é a mãe. É com ela, ou com seu substituto, que ele estabelece a primeira relação, ainda tênue, com a alteridade, ajudando-o no processo de diferenciação para a formação do Eu. Com a chegada de um terceiro nessa relação diádica, o qual comumente é o pai, a criança reprime o amor à mãe, uma vez que percebe pertencer a outro esse objeto de amor. Não podendo ter a mãe, a criança se identifica com ela, assumindo o seu lugar na relação que estabelecerá sobretudo com o pai. Caso fixe-se nesse estado psíquico, irá, quando adulto, procurar nos outros homens aquele garoto que um dia sua mãe amou, retornando, assim, ao autoerotismo, que diz respeito a um estágio inicial da libido, à prática sexual do estágio narcisista da alocação da libido no Eu. Freud (2013), então, conclui:

Dizemos que ele encontra seu objeto amoroso pela via do *narcisismo*, pois o mito grego chama de *Narciso* um jovem que amava acima de tudo sua própria imagem refletida, e que foi transformado na bela flor que tem esse nome (p. 167).

Sendo Narciso objeto de identificação de Liríope, sua mãe, ele, ao se deparar com a imagem refletida na água especular, vê nela, inconscientemente, aquela criança que fora amada pela mãe, cujo lugar ocupa por identificação.

Assim comenta Winnicott (1975):

[...] nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê humano, um papel vital é desempenhado pelo meio ambiente, que, de fato, o bebê ainda não separou de si mesmo. Gradativamente, a separação entre o não-eu e o eu se efetua, e o ritmo dela varia de acordo com o bebê e com o meio ambiente. As modificações principais realizam-se quanto à separação da mãe como aspecto ambiental objetivamente percebido. Se ninguém ali está para ser mãe, a tarefa desenvolvimental do bebê torna-se infinitamente complicada (p. 175).

Para Narciso, a distinção entre o não-eu e o eu é nebulosa, pois sendo ele a projeção do desejo da mãe, confunde-se com aquilo que a caracteriza, a sua beleza. Ele é o *continuum* dessa beleza, em vez de conseguir ver no olhar dela a sua própria singularidade. Isso implicará não conseguir, mais tarde, no encontro com a imagem refletida na água, reconhecer-se. Ele apenas vê a beleza, que o extasia e prende. Nesse sentido, Winnicott (1975) expõe:

O que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali. (p. 176).

É válido pensar, por exemplo, em uma mãe cujo olhar expressa apenas as suas próprias angústias, defesas e humor instável, nenhum acolhimento havendo desse olhar em relação ao bebê. A não ser que o bebê de algum modo e por outros recursos busque no ambiente os elementos mínimos necessários para um possível desenvolvimento emocional e da subjetividade, a passagem para a etapa seguinte, o estágio do espelho, ficará comprometida:

O rosto da mãe, portanto, não é um espelho. Assim, a percepção toma o lugar da apercepção, toma o lugar do que poderia ter sido o começo de uma troca significativa com o mundo, um processo de duas direções no qual o auto enriquecimento se alterna com a descoberta do significado no mundo das coisas vistas. (WINNICOTT, 1975, p. 177).

Tal enriquecimento não ocorre a Narciso, e por isso mesmo ele não terá recursos internos para o enfrentamento de si mesmo, no instante em que reconhece ser ele próprio o outro diante de si.

A APORIA TRÁGICA DE NARCISO

A partir da estrutura proposta para o mito de Narciso na primeira sessão deste capítulo, é possível identificar, no primeiro momento, que Narciso assemelha-se a uma mônada, no sentido etimológico do termo, de uma unidade, fechado em si mesmo. Não há espaço para a alteridade. Nesse estado incipiente, vemos o sentido do seu nome, cuja raiz é a mesma da palavra *νάρκη*, que significa ‘torpor, dormência’, o que remete, metaforicamente, à condição inorgânica de onde procedem todos os seres vivos, pela perspectiva biológica. Fazendo um paralelo ao processo orgânico de constituição do organismo vivo, Freud (2010), em seu ensaio “Além do princípio do prazer”, identifica processo similar na dinâmica da psique. A partir da compulsão à repetição, e pensando o princípio da constância inerente às pulsões, ele identifica a pulsão de morte, atuante na psique humana antes mesmo da atuação da pulsão de vida, como uma tentativa de retorno ao início. Do mesmo modo que ocorre com o organismo biológico, existe uma tendência natural de retorno ao estado inanimado de onde proviemos:

Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões internas, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que o objetivo de toda a vida é a morte, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes que o vivente (FREUD, 2010, p. 204).

Logo, duas pulsões agem no psiquismo, Thánatos, a pulsão de morte, que diz respeito ao movimento de volta ao inanimado, que conduz a vida à morte, e Eros, a pulsão de vida, sexual, libidinal, que sempre busca e efetua a renovação da vida, e se encarrega de unir, juntar. Narciso desperta para Eros quando ocorre o encontro com a ninfa Eco. No entanto, ao final, acabará sucumbindo a Thánatos na desesperança de realizar o seu desejo, o amor por si mesmo. É o encontro com Eco que suscitará o despertar para a vida, o que ocorre no segundo momento da narrativa. A ninfa, imbuída de desejo pelo rapaz, representando, a própria força de Eros, retrata o olhar da mãe que lhe faltou, o investimento libidinal que possibilitaria o desencadear para a constituição do Eu. Tendo sido amaldiçoada pela deusa Hera a apenas repetir as últimas palavras do que ouve, ao se deparar com Narciso na floresta, ela ecoa as palavras do jovem. E é exatamente por isso que Eco, dentre tantas outras e outros, é a única a conseguir despertar o interesse de Narciso, uma vez que ele escuta a própria voz. Mas logo que Eco se mostra, é veementemente repudiada, ele não tem, ainda, percepção da alteridade.

Nesse instante, a deusa Nêmesis, atendendo ao pedido de um daqueles que também foram repudiados por Narciso, faz que ele se apaixone por alguém cujo amor não possa ter de volta. Quando ele se depara com o riacho, ao tentar saciar uma sede, outra sede brota, a sede do desejo, que até então se encontrava ausente, ao deparar-se com a

imagem de um outro que, por enquanto, não percebe ser a dele mesmo. Passa-se, então, ao terceiro momento da narrativa, que se poderia denominar o *estágio do espelho*, que, segundo Lacan (1998), promove a constituição do Eu, a começar pela identificação com um semelhante, a saber, a imagem refletida:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1998, p. 97).

Nunca havendo se visto anteriormente, Narciso pela primeira vez se depara com a sua própria imagem, especular, refletida nas águas da fonte. A princípio, totalmente dependente da mãe, sendo também para ela projeção de si mesma, ele ainda é *infans*³, não inserido na linguagem, não havendo ainda a expressão de um Eu. Narciso apreende-se no gozo escópico, no qual permanecerá, uma vez que se inebria com tanta beleza jamais vista por ele, mas apenas ouvida até então. Ele admira as suas partes, comparáveis às dos deuses – olhos, boca, face, colo – mas ainda não apreende o todo, a unidade. O gozo escópico de Narciso perpassará sua trajetória até o momento do reconhecimento trágico, em que se saberá ser não aquele que imaginava, mas outro, aquele que se apresenta diante de si. Nessa circunstância, ele se percebe como unidade a partir do outro que é ele mesmo, mas se vê diante de uma aporia trágica. A princípio, não sabedor de si, rejubila-se ao se deparar com o outro, mas sem recursos internos para estabelecer os laços sociais, o que deveria ser a etapa conseguinte à relação dialética iniciada com a própria imagem, ele fenece. Falta-lhe o outro com quem precisaria estabelecer identificações a fim de se constituir como sujeito. Ainda em um estado de fragmentação, Narciso, no instante em que se depara com a imagem refletida na água, tem dificuldade de se reconhecer como corpo, ele “ama uma esperança sem corpo, crê ser corpo o que água é”, *spem sine corpore amat, corpus putat esse quod unda est* (v. 417). Ele apreende a beleza nas partes da imagem, sem a apreensão do todo:

3. Adjetivo formado por *in-* privativo e pelo participio de *for* (= falar), logo, significa “aquele que não fala, incapaz de falar” (ERNOUT; MEILLET, 2001, p. 316).

Spectat humi positus **geminum**, sua lumina, **sidus**
et dignos Baccho, dignos et Apolline crines
inpubesque genas et eburnea colla decusque
oris et in niveo mixtum candore rubore
cunctaque **miratur**, quibus est mirabilis ipse.⁴
(OVÍDIO, n. d., III, vv. 420-424; destaques nossos)

Protótipos da beleza, Baco, deus do vinho e da orgia, e Apolo, deus, dentre outras funções, da música e da cura, tem aos deles comparados os cabelos de Narciso, portanto, de aspecto divino, ideal, não humano. Do mesmo modo os olhos, comparados a estrelas, astro gêmeo, *sidus geminum*, são elevados a essa condição, uma vez que o céu, sede olímpica, onde estão as estrelas e os astros, é destinado apenas aos deuses. O tom virginal das faces e o pescoço feito de marfim, material fino e raro, assim como o esplendor da boca e o tom da pele, todas são características das divindades, logo, ideal de perfeição, o “eu ideal”. Todos esses elementos são admirados através do olhar, como apontam os verbos *spectat* e *miratur*, condizentes com a função escópica, preponderante em Narciso.

Continua Lacan (1998):

Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por [eu]-ideal, se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal. Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do *eu*, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de [eu], sua discordância de sua própria realidade (LACAN, 1998, p. 98).

Nesse sentido, com o estágio do espelho, a criança constrói, no nível imaginário, uma identificação com seu semelhante, seu imaginário trabalha de modo a fazer com que ela se enxergue através de outrem, o que ecoará na unidade mais tardia do Eu simbólico, ilusão de unidade face ao real dispersado e imaturo do corpo infantil. A princípio, tal processo ocorre com a ajuda do espelho. O bebê se enxerga nele, acredita que se trata de outro bebê, mas ao perceber que é a sua própria imagem, esse acontecimento o leva a outra etapa, respeitante à identidade. A conclusão do estágio do espelho inaugura a dialética que desde então liga o *eu* a situações socialmente elaboradas. Com Narciso não acontece desse modo:

4. Contempla, estendido no chão, astro gêmeo, suas luzes, e os cabelos dignos de Baco, dignos também de Apolo, as faces impúberes, o colo ebúrneo, a formosura da boca e, em nêvea brancura, a mescla com o rubor. Admira o todo, pelo que ele é admirável.

iste ego sum: sensi, nec me mea fallit imago.

uror amore mei, flammas moveoque feroque.

quid faciam? Rogar, anne rogem? Quid deinde rogabo?

quod cupio mecum est: inopem me copia fecit.

o utinam a nostro secedere corpore possem!

votum in amante novum: vellem quod amamus abesset!⁵

(OVÍDIO, n. d., III, vv. 461-466; destaques nossos)

Iste ego sum (v. 461), ‘esse sou eu’, eis a exclamação de Narciso ao se reconhecer na imagem especular. O uso do pronome de segunda pessoa, *iste*, aponta para esse reconhecimento, respeitante à segunda pessoa do diálogo. Ele percebe, de início, sensorialmente, *sensi* (v. 461), pelo olhar, e, em seguida, percebe cognitivamente, reconhecendo-se na imagem; no entanto, apreendendo-a em sua beleza ideal. O verbo latino, *sentio*, designa esses dois sentidos, e estando no tempo presente *perfectum* no texto, denota um estado, uma condição acabada. Assim, nessa segunda etapa, após o júbilo do primeiro encontro, o sofrimento se instala, *páthos* fundado em uma aporia de cunho trágico, visto que Narciso não consegue enxergar uma saída possível. Confundindo-se com o que vê diante de si e, ao mesmo tempo, ciente do corpo que possui – *O utinam a nostro secedere corpore possem!* (v. 465), ‘Oh, tomara pudesse eu apartar-me de nosso corpo!’ –, não consegue se separar daquilo que vê, e a impossibilidade, seja de realizar o seu desejo, seja de fazê-lo cessar, leva-o ao desespero. Não havendo estruturado “a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial” (LACAN, 1998, p. 97), ele não desenvolve a capacidade de simbolizar. Fixado, não consegue chegar àquela etapa que diz respeito a “se objetivar na dialética da identificação com o outro” (LACAN, 1998, p. 98), de modo a constituir a subjetividade, um Eu existente, individual.

AS IMAGENS DE NARCISO

Diferentemente de Jacques Lacan, que considera o estágio do espelho uma experiência inaugural, eminentemente escópica, refletidora e relativa ao corpo da realidade, atribuindo-lhe um caráter jubilatório através da percepção da sua unidade pelo sujeito que se constitui, Françoise Dolto (2017) considera o estágio do espelho um objeto de reflexão não apenas do visível, mas também do audível, do tátil, do olfativo, em suma, do sensível, e do intencional, uma vez que serve de estímulo à modelagem da imagem inconsciente

5. [...] Esse sou eu!

Compreendi, e a minha imagem não mais engana. Ardo do amor

De mim; chamas ateio e sinto. Que fazer? Receber súplicas ou suplicar?

O que afinal, suplicarei? O que desejo está em mim. A riqueza me fez miserável.

Ah! Pudesse eu me retirar desde nosso corpo. Desejo inédito em amantes:

que estivesse afastado o que amamos.

do corpo, sendo-lhe constitutivo. Para ela, trata-se de um espelho psíquico, uma vez que o impacto diante dele é afetivo e relacional, promovendo a castração primária. A criança percebe não ser a imagem refletida que o espelho lhe devolve. Assim ela esclarece:

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante, e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome Eu e saiba dizer Eu. Quero dar a entender que o sujeito inconsciente desejante em relação ao corpo existe desde a concepção. A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e interrelacional [...]. (DOLTO, 2017, p. 15).

E continua:

É graças à nossa imagem do corpo sustentada por – e que se cruza com – nosso esquema corporal que podemos entrar em comunicação com outrem. Todo o contato com o outro, quer o contato seja de comunicação ou para evitá-la, é subtendido pela imagem do corpo; pois é *na imagem do corpo, suporte do narcisismo*, que o tempo se cruza com o espaço, e que o passado inconsciente ressoa na relação presente. No tempo atual sempre se repete em filigrana algo de uma relação de um tempo passado. A libido é mobilizada na relação atual, mas pode encontrar-se ali, desperta, ressuscitada, uma imagem relacional arcaica, que permanecera reprimida e que retorna, então. (DOLTO, 2017, p. 15; itálicos da autora).

A imagem inconsciente do corpo surge, conforme a psicanalista, no narcisismo fundamental, anterior ao narcisismo primário, que é inaugurado com o advento do estágio do espelho. Assim:

O narcisismo fundamental do sujeito (que permite o corpo viver) está enraizado nas primeiras relações repetitivas que acompanham simultaneamente a respiração, a satisfação das necessidades nutritivas e a satisfação de desejos parciais, olfativos, auditivos, visuais, tácteis, que ilustram, poder-se-ia dizer, a comunicação de psiquismo a psiquismo do sujeito bebê com o sujeito-sua-mãe (DOLTO, 2017, p. 53).

Ao nascer, Narciso já vem com a marca de sua mãe, tanto que é nomeado com um nome correspondente ao dela. Ele já é amado por uma beleza que reflete a beleza que a retrata, evocando o narcisismo dessa mãe, que se via no filho. Logo, é possível pensarmos a relação de Narciso com Líriope como sendo simbiótica. Sendo ele projeção dela própria, não houve narcisamento por parte dessa mãe quanto à singularidade do filho. Nesse sentido, faltou-lhe nutrição afetiva, ficando apenas a imagem da beleza pelo olhar dessa mãe (poderíamos dizer ‘a imagem inconsciente do corpo’), vazia de sentido relacional. Narciso era o seu espelho, assim como a imagem no rio virá a ser o de Narciso.

Quanto ao estágio do espelho, Dolto (2017) afirma:

Não é suficiente que exista realmente um espelho plano. De nada serve se o sujeito é confrontado, de fato, com a falta de um *espelho de seu ser no outro*. Pois é isto que é importante.

O que pode ser dramático é que uma criança à qual faz falta a presença de sua mãe ou de um outro ser vivo, que se reflita com ela, venha a “se perder” no espelho. (DOLTO, 2017, p. 121; itálicos da autora).

E mais adiante pontua:

Quero dizer que ele vê ali uma imagem da qual, diante do espelho, ele aprende que é a única causa, já que ele encontra apenas uma superfície fria e não um outro bebê, e que, se ele deixar a frente desta superfície fria, a imagem desaparece. A linguagem mímica e afetiva que a criança estabeleceu com o mundo ambiente não lhe traz nenhuma resposta referente a esta imagem que ele encontra no espelho, contrariamente a todas as experiências que ele tem do outro. É por esta razão, se a mãe, ou uma pessoa conhecida não está próxima dele em seu espaço, que ele corre o risco de que por causa do espelho, sua imagem do corpo desapareça sem que a imagem escópica tenha tomado um sentido para ele. (DOLTO, 2017, p. 123).

A percepção castradora do esquema corporal refletido – uma vez que ele não corresponde à imagem inconsciente do corpo, afetiva e sensorial –, a partir da repetição da experiência do espelho, tornará possível a assunção e integração das duas imagens, a saber, a imagem inconsciente do corpo e o esquema corporal, o que possibilitará o estágio seguinte de percepção da existência de um Eu, desde que nomeado por um terceiro, neste caso, a mãe, que suscitará a constituição da subjetividade do bebê. Ao perceber a imagem do espelho, é preciso que exista outro humano que dê valor àquela imagem, passando ela pela palavra, pela linguagem desse humano, de modo que o infante se vincule àquela imagem. Se ele se apreende como imagem a partir do lugar e do significado que esse outro transmite, o bebê se apreende como imagem dentro de um lugar significativo da ordem simbólica, que é representada por esse outro. A Narciso faltou esse outro, que lhe nomeasse a imagem, de modo que fosse possível apreendê-la como *imago* e imagem psíquica, e assim, a partir, a princípio, da identificação com o seu semelhante, a imagem refletida, pudesse passar ao estágio seguinte, o reconhecimento de si como um Eu que existe.

É interessante observar que em dado momento da narrativa, a voz poética tenta advertir Narciso de que o simples ato de sair de frente do espelho, faria desaparecer a imagem. No entanto, para Narciso, não tendo alguém que lhe tenha nomeado a imagem do espelho, a sua imagem, faltou-lhe internalizar a imagem escópica, aquela que ele percebe como sendo sua, portanto, levando-a consigo ao se afastar. Ele se agarra, então, à ilusão sem corpo à sua frente:

Credule, quid frustra **simulacra** fugacia captas?

Quod petis, est nusquam; quod amas, avertere, perdes.

Ista **repercussae**, quam cernis, **imaginis umbra** est:

nil habet ista sui: tecum venitque manetque,

tecum discedet, si tu discedere possis.⁶

(OVÍDIO, n. d., III, vv. 432-436, destaques nossos)

A reiteração de vocábulos, no trecho acima, que pertencem ao mesmo campo semântico, a saber, *simulacra*, *repercussae*, *imaginis*, *umbra*, já remetem ao significado do momento específico vivido por Narciso. Ele, rapidamente acreditando no que vê, *credule* (v. 432), tendo na beleza refletida o ponto de identificação com o outro à sua frente, mesmo já tendo reconhecido tratar-se de uma imagem refletida, *repercussae* (v. 434), não consegue, no entanto, distinguir que aquilo que percebe, é uma sombra da imagem refletida, *ista repercussae, quam cernis, imaginis umbra est* (v. 434), simulacro fugaz, *simulacra fugacia* (v. 432), representação, aparência, exatamente por se tratar da sua realidade intrapsíquica.

Não ter podido internalizar a imagem escópica que lhe garantiria a segurança na ausência da imagem refletida no espelho, faz Narciso se desesperar diante da possibilidade de abandoná-la, pois ela o integra. Ele não tem recursos internos suficientes para suportar separar-se dela, advindo o *pathos* que culminará em sua morte. Eis a fala de Narciso:

Dixit et ad faciem rediit male sanus eandem

et lacrimis turbavit aquas, obscuraque moto

reddita forma lacu est; quam cum vidisset abire,

“quo refugis? Remane nec me, crudelis, amantem

desere!” clamavit “liceat, quod tangere non est,

adspicere et misero praebere alimenta furori!⁷

(OVÍDIO, n. d., III, vv. 474-479)

A impossibilidade da realização do seu desejo, a ameaça da falta da completude narcísica que significaria o aniquilamento, o despedaçamento, exatamente por não ter havido a internalização de um modelo imagético corporal que lhe desse suporte na ausência do outro, faz Narciso ter a sensação de esfacelamento, de liquefazer-se, própria de quem não

6. Crédulo, por que agarras em vão simulacros fugazes?

O que buscas, está em nenhuma parte! Aquilo que amas, afasta-te, perderás! Essa que percebes é a sombra de uma imagem refletida: essa nada tem de seu: contigo vem e permanece, contigo se afastará, e tu pudesses te afastar.

7. Disse e à mesma face voltou, insano;

com lágrimas turvou as águas, com o lago agitado,

a forma restituída é obscura. Ao vê-la

Ir-se: “- Onde te refugias? Fica, não me abandones, cruel, amante”,

clamou. “Seja permitido olhar o que não é para tocar e oferecer alimentos ao mísero furor”.

pode constituir-se em sua subjetividade de maneira estruturada. Os verbos *intabescere*, ‘derreter-se’, *liquescere*, ‘dissolver-se’, e *carpere*, ‘consumir’, presentes nos versos abaixo, corroboram essa ideia. Eis como Narciso se sente:

quae simul adspexit liquefacta rursus in unda,

non tulit ulterius, sed ut **intabescere** flavae

igne levi cerae matutinaeque pruinae

sole tepente solent, sic attenuatus amore

liquitur et tecto paulatim **carpitur** igni⁸

(OVÍDIO, n. d., III, vv. 486-490; destaques nossos)

A imagem especular é elemento estruturante da narrativa. Além de estar presente na relação de Líriope com o filho, e de Narciso com a água do riacho, é possível percebê-lo também entre Eco e Narciso, ao tomar-se dois momentos da narrativa: o apaixonamento de Eco por Narciso e o dele por si mesmo. O primeiro é antecipatório do segundo, uma vez que reflete o que acontecerá mais adiante com Narciso. Em ambos, o vocabulário presente no texto denota o ímpeto do desejo, expressão da ardência e da flama próprias dos apaixonados. E como coroamento do espelhamento entre os dois, há o *páthos*, pelo qual os dois são consumidos, Eco, vindo a se tornar apenas uma voz, que reverberará sempre que alguém falar, e Narciso, metamorfoseando-se em uma flor, cujo nome o representará.

Além disso, também é perceptível, ao longo da narrativa, a tensão gerada pela presença de Thânatos e de Eros, a pulsão de morte e a pulsão de vida, como foi apontado anteriormente. No final, Thânatos vence Eros, à medida que Narciso sucumbe. É interessante que no mito grego, Eros, força primordial constituinte da cosmogonia, é partícipe essencial da dinâmica da vida, configurando-se como *ύβρις*, ‘descomedimento’, não permitir que ele se realize ao promover a existência dos seres, da vida, enfim. Sem ele a natureza não produziria, nem os animais procriariam, nem os homens cocriariam, o que condenaria o mundo ao retorno do Caos, do nada. E assim acontece com Narciso. Desde o princípio, ele renega Eros, ao preferir todos que lhe dedicaram afeto, e com isso impediu a interação com a alteridade, promotora da vida, condenando-se à morte.

THÂNATOS, EROS E NARCISO

Eros e Thânatos, assim como Narciso, são seres mitológicos do panteão helênico, cuja representatividade simbólica denota aspectos da vida humana, conferindo-lhe

8. Ao mesmo tempo que viu isso na água de novo cristalina, não suportou por mais tempo: mas como as flavas ceras ao leve fogo e as geadas matutinas ao sol tépido soem derreter-se, assim consumido pelo amor liquefaz-se e pouco a pouco é devorado por fogo oculto.

sentidos. Os gregos já entendiam a dinâmica tensional dessas duas forças que se opõem, mas ao mesmo tempo se complementam, e que estão no cerne da ordenação cósmica, assim como da estruturação do ser humano.

Nessa perspectiva, Eros aparece como força constituinte, pulsão de vida, por conta de quem tudo promana. Assim ele é apresentado por Hesíodo (2007), na *Teogonia*, sendo uma das quatro forças primordiais de onde surgem o cosmo, os deuses e os homens, e dentre as quais também está Caos, que por cissiparidade gera Noite, de quem provém Thânatos. Na Antiguidade Grega Arcaica, este, assim como Eros primordial, representam uma abstração, a saber, a morte, a não-vida, também denota destruição, sem ser necessariamente aniquilamento. Na realidade, trata-se de um desvinculamento da vida. Essas duas forças, Thânatos, pulsão de morte, e Eros, pulsão de vida, perpassam a vivência humana e encontram-se na base da dinâmica do processo de constituição do Eu, fato que os gregos intuía, e por isso mesmo representavam através das duas figuras. Sendo neto de Caos, *Χάος*, a desordem primordial, pulsão bruta de forças contrárias, e filho da Noite, *Νύξ*, escuridão em que soçobra a vida humana, Thânatos, *Θάνατος*, irmão do Sono, *Ύπνος*, tem em sua linhagem os traços que o caracterizam, representando as forças do inconsciente, assim como Eros.

A despeito de Eros e Thânatos não constarem como personificações no mito de Narciso, encontram-se como presenças numinosas, imbricadas no desfecho da história do personagem. Ao perceber a impossibilidade da realização do seu desejo, ele busca a destruição. Do afeto para o qual não há representação, advém a agressividade, e desse modo, pulsão de morte e pulsão de vida se entrecruzam. Nesse sentido, afirma Minerbo (2019):

Freud formula a hipótese de outro princípio para o funcionamento mental, anterior ao princípio do prazer, dominado pela lógica da pulsão de morte. Aqui, os mecanismos de defesa se exercem contra o polo pulsional, especialmente contra a pulsionalidade não ligada, que pode atacar tanto o Eu quanto o objeto. A meta da pulsão de morte é a descarga da excitação para fora do aparelho psíquico pelo caminho mais rápido. (p. 112).

E desse modo acontece com Narciso. Imbuído de desejo, ele contempla prazerosamente a sua imagem no reflexo especular da água, que lhe suscita o prazer da possibilidade de ser amado por aquele que ele vê, haja vista corresponder, até certo ponto, às suas expectativas. Mas logo é tomado pela angústia, pois diante da percepção de que lhe é impossível a completude que busca no outro, ele se desespera, e em um ataque de violência, automutila-se, batendo no peito com furor, conseqüentemente desistindo de viver. Ele retorna ao estado anterior à vida, ao estado inorgânico, elemento atávico que também está na psique humana. O próprio início da narrativa dá indícios desse estado

anterior de Narciso. Sendo filho de Liríope, uma ninfa aquática, e de Cefiso, rio da Beócia, tem, representativamente, em sua essência, a água como característica inorgânica. É sua trajetória, no entanto, que definirá o que prevalecerá, Thánatos ou Eros, desde o seu nascimento até a sua desistência de viver.

Assim, é possível perceber, a partir da análise feita acerca da narrativa mítica sobre Narciso, que os elementos embrionários que ajudarão a compor a elaboração do conceito de narcisismo encontram-se nela.

Nicos Nicolaïdis (2002) comenta a respeito da dinâmica que perpassa a construção do mito e dos processos psíquicos, em ambas as bases pulsionando o desejo:

O mecanismo e a dinâmica pelos quais um mito se constrói para dar forma aos desejos de um povo parecem com os mecanismos e com a dinâmica que presidem à construção da *representação* para o indivíduo. Nos dois casos uma escolha é feita, uma seleção, concernente aos acontecimentos e às vivências, seleção conforme a homeostase pulsional e as possibilidades de *fantasmatisation* (do povo ou do sujeito).

Neste sentido, o mito não é nada senão que a história eventual do desejo de um povo, como a fantasia e o *souvenir-écran* são a cristalização da "história eventual do desejo do sujeito".

Em suma, sujeito e povo constroem seu "aparelho psíquico" por uma *mise-en-scène* mitológica, espaço contendo e significando o desejo. Isto nos mostra o caráter auto representativo do mito que, como a fantasia, "representa não apenas um conteúdo de uma cena, mas a maneira como ele produz a si mesmo." (NICOLAÏDIS, 2002, p. 198; tradução nossa).

O mito é instrumento através do qual o homem elabora a si mesmo e ao mundo no qual está inserido, construindo assim a sua subjetividade, edificando uma cadeia de representações, no âmbito coletivo e no individual, a partir de um recorte dos acontecimentos e das vivências, e impelido pela busca do equilíbrio pulsional, *l'homéostase pulsionnelle*, e pelo material que possibilita o fantasiar, *fantasmatisation*. A história do desejo coletivo, que se projeta no individual, está na base do mito, assim como a fantasia e o *souvenir-écran*⁹ são cristalizações do desejo do indivíduo. Logo, a dinâmica da construção do mito e a do aparelho psíquico tem em seu cerne o desejo, ponto convergente e que assimila os dois processos, respeitante à sua estruturação e funcionamento.

Freud, helenista de formação, recorre, então, aos mitos como recursos simbólicos, como alegoria, para a elaboração da sua metapsicologia, tratando-se de elementos basilares do construto psicanalítico, os quais serão retomados e desenvolvidos consequentemente por outros psicanalistas, sendo eles elementos partícipes do processo de constituição do Eu, vigorando, portanto, no conceito de narcisismo.

9. Não existe um termo em língua portuguesa que traduza o sentido preciso de *souvenir-écran*. Trata-se de uma expressão técnica da Psicanálise, cujo sentido próximo seria uma 'lembrança a qual o paciente não presta atenção, mas que, no cerne da economia psíquica, esconde e mascara uma lembrança recalcada em que subjaz o desejo'. Ao pé da letra, significa "lembrança-tela".

Quanto à pulsão de morte, Figueiredo (1999, apud Minerbo, 2019, p. 248), a define ‘como certo *regime de funcionamento pulsional* que mantém estreita relação com o objeto encontrado nas experiências precoces’. Assim, haveria três possíveis caminhos em que o funcionamento pulsional se estabeleceria em relação ao objeto: 1) o psiquismo funciona sob o regime de Eros, passando a formar representações, uma vez que o objeto encontrado respondeu de maneira suficientemente adequada à demanda pulsional, 2) instala-se um regime de funcionamento pulsional marcado pela compulsão à repetição, sob a égide de Thânatos, visto que o objetivo não é a busca do prazer, mas a necessidade desesperada de estabelecer ligações que estanquem a dor do traumatismo e a reconstituição do narcisismo de vida, 3) o sujeito desiste de encontrar o objeto que faça as ligações que contenham a violência pulsional e o objeto deixa de ser buscado, havendo uma recusa definitiva de abertura para ele.

No que tange a Narciso, dentre as três possibilidades elencadas acima, a terceira é a que melhor o representa. Personagem trágico, para ele não há saída, seu destino é a derrocada. Pois diante das impossibilidades concernentes ao humano, das imperfeições que caracterizam o seu *éthos* e, sobretudo, do seu deslocamento no mundo, ele sucumbe. Cego em relação a si mesmo, ele caminha rumo ao abismo sem disso dar-se conta. Sua onipotência narcísica só lhe oferece um caminho, que ele vislumbra como sendo único, não havendo para ele, através da sua perspectiva, possibilidades outras. É por isso que Narciso, diante da impossibilidade de ser, fenece, entregando-se a Thânatos. Nele se sobressai a pulsão de morte.

OS MITOS E A PSICANÁLISE

O meio principal através do qual os mitos sobreviveram foi a literatura clássica greco-romana. Fruto da produção cultural dessas civilizações, a sua forma pura não pode ser vivenciada, pois está vinculada ao rito e é de cunho eminentemente religioso. Sendo fruto da tradição oral, chegaram até nós dessacralizados, de forma escrita, verbal, mas também pictórica, se considerarmos as pinturas dos vasos e afrescos descobertos pela arqueologia a partir do século XIX. Mas ler os mitos através das narrativas que nos chegaram, epopeias, tragédias, poemas líricos, ou mesmo a história antiga, é ouvir linguagem e considerar que trazem consigo um sentido transcendente, subjetivo. A despeito de haver uma elaboração pela mimese e pela *poiesis*, e também uma intencionalidade, é possível ler nos mitos a expressão da subjetividade humana.

O mito é, antes de tudo, narrativa elaborativa, criada pelo homem na tentativa de explicar seu mundo, endógeno e exógeno, impregnada, portanto, daquilo que compõe o humano, a saber, alegrias, angústias, tristezas, esperança, medos, crenças, etc., e

condizente com a necessidade intrínseca ao homem de explicar, seja de forma direta, seja através de imagens. É possível, então, a partir do material oferecido por essas narrativas, implícito e explícito, analisar e interpretar aspectos desse ser que é o humano.

A psicanálise, por outro lado, tem como objeto a subjetividade, o consciente, mas, sobretudo, o inconsciente, que se mostra de modo camuflado através de sintomas, de atos falhos, de silêncios, de linguagem, enfim. É a psique se manifestando, seus afetos e representações. A teoria é construída a partir das vivências clínicas, e o paciente é o texto que o psicanalista lê através da escuta e analisa na dinâmica da dupla, do par analítico. O texto literário, por sua vez, através do qual o mito é narrado, é escutado através da leitura, através dos olhos, dentro da dinâmica entre o analista literário, o texto e suas sutilezas.

A polissemia de ambos suscita leituras, interpretações, análises. É preciso, no entanto, ser cuidadoso, no sentido de não se ir além do que cada um desses textos permite, evitando forçar sentidos e feri-los. Assim, é possível, por exemplo, que um mesmo texto literário seja analisado por perspectivas teóricas diferentes, o que denota a sua riqueza, exatamente por se tratar de uma obra de arte, e ser polissêmico. E foi exatamente essa a proposta desse capítulo. A partir da abordagem dos três psicanalistas acerca do estágio do espelho, a saber, Winnicott, Lacan e Dolto, e considerando o texto literário quanto a sua mimese e a sua *poiesis*, propusemos analisá-lo. O personagem Narciso foi escolhido como a categoria analítica, inserido na narrativa que compõe o seu mito.

REFERÊNCIAS

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque, histoire des mots*. Paris: Klincksieck: Paris, 1999.

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. 3. ed. Tradução: Noemi Moritz e Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 2017.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine, histoire des mots*. Paris: Klincksieck: Paris, 2001.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. 14, p. 161-239.

FREUD, S. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Vol. 9, p. 113-219.

HESÍODO. *Teogonia*. 7. ed. (Tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MINERBO, M. *Neurose e não neurose*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2019.

NICOLAÏDIS, N. Mythes et écriture, moyens d'approche de l'appareil psychique. In: ANZIEU, D.; CARAPANOS, F.; GILLIBERT, J.; GREEN, A.; NICOLAÏDIS, N.; POTAMIANOU, A. *Psychanalyse et culture grecque*. Paris: Les Belles Lettres, 2002. p. 197-214.

OVIDIO (n. d.) *Metamorphose*. Disponível em: https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lsante01/Ovidius/ovi_me03.html#05 Acesso em: 5 mar. 2022.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

A

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

B

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

C

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158
Esfinge 82, 138, 139
Espelho psíquico 56
Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188
Estado mental 4, 100
Estados-limites 180
Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63
Estruturação do sujeito 109
Etéocles 110
Ética da clínica psicanalítica 23
Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124
Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186
Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186
Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203
Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203
Experiência cinematográfica 91
Experiência de contato emocional 3
Experiência emocional 3, 5
Expressões míticas contemporâneas 89
Êxtase 24, 174, 175, 180, 181
Êxtase báquico 175

F

Falhas do ambiente 33
Fedra 75
Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152
Fenômenos transicionais 33
Figura materna 97, 98, 101
Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203
Fim trágico 92, 102, 103
Formação do Eu 50
Formação reativa 187, 199
Fórmulas da sexualização 150, 151
Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185
Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69
Função do analista 156
Função do psicanalista 167
Função materna 33, 36, 44, 98, 151
Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95
Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196
Fundamento da clínica 158
Fundamentos da psicanálise 12
Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

G

Glauce 146, 189
Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

H

Hades 40, 42, 43, 45
Hécate 67, 73
Helena 69
Hélio 40, 67
Hemon 112
Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193
Hércules 69, 70, 83, 105
Hermes 68, 77
Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193
Hesíodo 5, 8, 60, 63
Hipólito 75, 84, 153
Histórias de captura 38, 46
Homem contemporâneo 19, 20
Homem psicanalítico 102
Homem trágico 103, 173
Homero 25
Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201
Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196
Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

I

Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169

Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106

Imagem especular 49, 53, 55, 59

Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63

Imobilidade mental 3, 4

Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203

Independência 32, 33, 45, 115

Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195

Ino 174

Inominável do gozo 117

Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183

Investimento libidinal 34, 52

Investimento narcísico materno 34

Investimento pulsional 38

Ismene 110, 112

J

Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199

Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139

John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

L

Labdácidas 114

Laço social 111

Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141

Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188

Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61

Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

M

Mãe odiosa 145, 147

Mãe suficientemente boa 98

Mal-estar contemporâneo 12, 22

Mal-estar pós-moderno 13

Maternagem suficientemente boa 33

Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152

Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Mênades 174, 177

Mérope 128, 129, 130, 138

Metamorfose 49

Metanira 41

Metapsicologia 21, 24, 61, 144

Método psicanalítico 174

Metonímia do desejo de falo 150

Mídias contemporâneas 89, 90

Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204

Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122

Mitologia contemporânea 90

Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206

Moções pulsionais 184, 196, 200

Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194

Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

N

Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170

Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Narrativas mitológicas 89, 105

Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sufrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2
 Sofrimento psíquico 12, 13, 18, 22
 Subjetivação da morte 110
 Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206
 Sublimação 23, 108, 110, 111, 122
 Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150
 Sujeito psicanalítico 103

T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181
 Témis 73
 Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201
 Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141
 Tempo mítico 109
 Tendência transgressiva 96
 Teoria das pulsões 21, 109, 178
 Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206
 Tese falo-filho 150
 Testamento 115, 116, 117, 165
 Thanatos 7, 25, 27
 Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197
 Tírésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181
 Tragédia da vida 23, 24
 Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203
 Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184
 Triangulação edípica 39

U

Ulisses 67, 77

V

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36


Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201


Vinho 54, 174, 180, 181, 182


Violência psíquica 3

Z

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora


 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Atena
Editora
Ano 2023

